

Natália
Conto: “O relógio de ouro”
Função: Investigador

O bruxo Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis foi um romancista, contista, poeta e teatrólogo brasileiro, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente.

Nasceu em 21 de junho de 1839 e morreu em 29 de setembro de 1908. Ficou órfão de mãe muito cedo e também perdeu a irmã mais nova. Seu pai faleceu quando Machado de Assis tinha onze anos. Sua mãe, Maria Leopoldina Machado, portuguesa da Ilha de São Miguel, era lavadeira e seu pai, Francisco José de Assis, brasileiro, carioca, mulato, descendente de escravos alforriados, era pintor de paredes e dourador.

Em 1855, estreou na literatura com o poema “Ela” na revista “Marmota Fluminense”. No ano seguinte foi aceito como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional, onde ficou até 1858. Em 1859 tornou-se crítico teatral da revista “O espelho”. Era redator do “Diário do Rio de Janeiro” e de “A semana Ilustrada”, de 1860 até 1867. Virou auxiliar de censura do Conservatório Dramático Brasileiro.

Em 1869 casou-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes. O escritor era um homem típico de letras brasileiro bem sucedido, confortavelmente amparado por um cargo público e por um casamento feliz que durou trinta e cinco anos. Dona Carolina, mulher culta, apresenta Machado aos clássicos portugueses e a vários autores da língua inglesa.

Machado de Assis procurou, na primeira fase de suas obras, o romantismo e, na segunda, o realismo, quando desenvolveu o inconfundível estilo desiludido, sarcástico e amargo. O domínio da linguagem é sutil e o estilo, preciso, reticente. O humor pessimista e a complexidade do pensamento, além da desconfiança na razão, fazem com que se distancie dos seus contemporâneos. Estes o respeitavam.

Machado era epilético, míope e gago. Era considerado um bruxo porque consegue retratar em seus textos a alma humana, além de questões muito profundas. Era um mestre da observação psicológica.

Com a morte de D. Carolina, sua esposa, Machado fica muito abalado, triste, solitário e doente. Quatro anos após sua morte, em 1908, ele morre em casa (no Rio de Janeiro, rua Cosme Velho). Foi sepultado no mesmo dia.